



## **Breves Questionamentos Sobre o Fenômeno Midiático do MMA – *Mixed Martial Arts* (Artes Marciais Mistas): uma Proposta de Estudo <sup>1</sup>**

Fábio de Lima ALVAREZ <sup>2</sup>  
José Carlos MARQUES <sup>3</sup>

Universidade Estadual Paulista – Bauru, SP

### **RESUMO**

Este trabalho pretende lançar alguns questionamentos frente ao vertiginoso crescimento de um novo fenômeno na paisagem contemporânea: o MMA – Mixed Martial Arts (Artes Marciais Mistas, em português). Num primeiro momento, buscaremos fazer uma retrospectiva histórica da criação e consolidação do maior campeonato do gênero, o UFC – The Ultimate Fighting Championship, desde o Vale-Tudo praticado no Brasil, desde o início do século XX, até a criação do MMA. Após a contextualização do fenômeno, buscaremos discutir as suas múltiplas significações e reverberações sociais num momento profundamente marcado pela tensão entre o global e o local, mediada pelos meios de comunicação.

**PALAVRAS-CHAVE:** MMA; UFC; Vale-Tudo; globalização; comunicação.

### **Introdução**

Este trabalho tem como objetivo analisar o fenômeno do MMA, sigla em inglês de Mixed Martial Arts (em português, Artes Marciais Mistas, também conhecidas como Vale-Tudo). As artes marciais, palavra guarda-chuva para diversas formas e técnicas de combate corpo-a-corpo, existem desde as civilizações mais primitivas, nas mais diversas culturas. Pensadas como técnicas de defesa e ataque, os primeiros estudos históricos indicam que a sua sistematização e diversificação em vários estilos remete a mais de 5.000 anos a.C. Essa sistematização tinha uma função bastante clara: a guerra. O próprio chavão “arte marcial” remete ao deus romano Marte, filho de Juno e Júpiter, considerado a divindade da guerra.

No Japão, país que desenvolveu uma gama imensa de técnicas de combate, as artes marciais receberam num primeiro momento a denominação de bushidô, algo que

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Campus de Bauru. E-mail: [fusa\\_fabio@yahoo.com.br](mailto:fusa_fabio@yahoo.com.br).

<sup>3</sup> Doutor em Ciências da Linguagem pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Docente do Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Campus de Bauru. E-mail: [zeca.marques@faac.unesp.br](mailto:zeca.marques@faac.unesp.br).



em português representaria algo como “o caminho do guerreiro”. O bushidô era mais do que a técnica, mas a própria vida do guerreiro, a forma de se portar perante o mundo e de tratar seus oponentes. Esse espírito guerreiro impera no Japão até os idos da era feudal e começa a se dissipar durante a era Meiji (de 1868 a 1912), período em que o país do Sol nascente começa a ter maior contato com a cultura do ocidente.

Com o fim das guerras feudais, os guerreiros desaparecem e, junto deles, grande parte de suas técnicas de combate se esvaem. No intuito de preservar de certa forma esta cultura guerreira, um novo termo é cunhado, o budô. Este termo reflete algo como “desenvolvimento pessoal”, uma forma de se manter essa cultura ancestral, porém com foco agora não no combate, mas na inserção do indivíduo no mundo.

The traditional martial arts of Japan (*bugei* or *bujutsu*) involved from the experiences and culture of the feudal warrior class known as *bushi* or *samurai*. The martial arts became increasingly “sportified” in the process of Japan's modernization in the Meiji period (1868-1912) and specially in the postwar era. In more recent times, Japanese *budô* as the martial arts are now called, have seen a vast increase in participants throughout the world, numbering in the tens of millions. No other form of traditional Japanese culture can boast such successful dissemination on an international scale. However, it is no simple task to ensure the essence of *budô* is maintained as it becomes established around the globe. (Nippon Budokan Foundation, 2009, p. 27)

Encontradas em diversas culturas, em todos os cantos do mundo, desde os tempos mais remotos, as artes marciais, só pela sua história não devem ser negadas como fenômeno da humanidade. No entanto, o foco deste trabalho não se encontra na busca dessa historicidade das artes marciais, mas sim num ponto muito mais específico, o MMA. Acreditamos que o MMA é um fenômeno muito mais recente, não pelo combate em si, que sempre existiu, mas sim pela forma de sua midiatização e disseminação, seus preceitos e objetivos. O que aqui nos interessa é entender como o MMA se consolida como fenômeno de inserção global, como esporte-espetáculo de forte apelo ao público.

### **Vale-Tudo: o ancestral do MMA**

A história do MMA, agora já mais delimitada, é um tanto quanto incerta. Seu surgimento, podemos assim dizer, está atrelado ao processo de globalização e ao processo de contato entre culturas até então fechadas.



A vertente mais aceita sobre a criação do MMA remete ao Brasil, no início do século XX, quando em 1914 chega a nosso país o imigrante japonês Mitsuyo Maeda, também conhecido como Conde Koma (apelido que recebeu na Espanha).

A trajetória de Maeda, contada por Stanlei Virgílio em *Conde Koma – O inventível yondan da história*, pode ser considerada como o germe do MMA moderno. Professor da Kodokan, escola fundada pelo criador do Judô, Jigoro Kano, ele sai em “peregrinação” pelo mundo, acompanhado de outros dois judocas, na busca de provar a superioridade do judô frente a outras artes marciais. Após passar pela Europa, América do Norte e Central, ele chega à América do Sul, onde acaba por se radicar no Brasil na cidade de Belém (PA), em 1917. É lá que ele se naturaliza como brasileiro, recebendo o nome de Otávio Misuyo Maeda, e torna-se adido da imigração japonesa no Estado.

Em Belém, Maeda conhece Gastão Gracie, um importante empresário do ramo da borracha na região, de quem recebe ajuda para se fixar na cidade. Em retribuição, Maeda ensina os fundamentos do jiu-jitsu a Carlos Gracie, filho de Gastão. A título de curiosidade, vale aqui uma breve citação de Virgílio sobre a confusão advinda do fato de Maeda ser judoca, mas ter ensinado aos Gracie o jiu-jitsu:

(...) é interessante citarmos que, mesmo sendo Maeda originário do Kodokan e, portanto, do judô, em Belém do Pará, quando foi por ele iniciado o seu ensino por volta de 1917, após a sua chegada da Europa, falava-se mais em jiu-jitsu que propriamente em judô. (...) Explica-se este fato primeiramente por serem o judô e o jiu-jitsu lutas ainda desconhecidas nessa época, tornando-se fácil confundir uma com a outra. Segundo, pela origem do judô, todo ele estruturado nos estilos do jiu-jitsu Kitô, Sekiguti, Tenjin e Jikishin e, portanto, sem ter praticamente diferenças nos seus fundamentos, já que apenas houve, pelo judô, uma seleção e aperfeiçoamento das técnicas e a introdução de metas e filosofias próprias que, dado o caráter esportivo desta nova arte, punham o homem em toda a sua plenitude física, intelectual, moral e espiritual como objetivo prioritário. Terceiro que, para mostrar o judô superior, teve de abrir mão, mesmo que em caráter provisório, de certos conceitos, certas limitações que impunham essas mesmas metas e filosofia que o diferenciavam para, em igualdade de condições, testar e provas o seu valor frente a outros tipos de lutas. Hoje, passada essa fase de divulgação e implantação, voltou cada uma dessas lutas para um caminho, distanciando-se uma da outra, sem mais razões para confundi-las. (VIRGÍLIO, 2002, p. 93)

Após ter aprendido os fundamentos do jiu-jitsu, os Gracie se mudam de Belém para a então capital do país, o Rio de Janeiro. Carlos abre uma academia e se torna professor da arte marcial ensinada por Maeda. É lá que seu irmão mais novo, Hélio Gracie – que era bastante magro e franzino e sofria de desmaios não explicados pelos médicos

– observa seu irmão mais velho e, dessa forma, pela observação, aprende e adapta as técnicas para o seu tipo de porte físico. Assim como Carlos, Hélio se torna professor de jiu-jitsu. Essa arte marcial, até então praticamente desconhecida no Brasil, ganha diversos adeptos, inclusive de membros da elite carioca, que se impressionavam com as possibilidades da modalidade, que permitia a quase qualquer um, mesmo que de porte físico não atlético, praticá-la.

Talvez imbuídos do espírito de Maeda, que tinha como objetivo mostrar a superioridade do judô, os Gracie se empenham numa jornada: a de provar a superioridade do jiu-jitsu brasileiro frente a outras artes marciais. Para tanto, Carlos e Hélio colocam anúncios em jornais cariocas convidando os “valentões” da cidade para um confronto sem regras. Os primeiros oponentes vinham do boxe e da capoeira e, praticamente des-preparados para o novo terreno proposto pelo jiu-jitsu, a luta no chão, foram sistematicamente derrotados. A popularidade dos Gracie cresce ao longo dos anos, e os duelos por eles propostos acabam sendo batizados de “Desafio Gracie”.

A popularidade dos irmãos Carlos e Hélio cresce tanto que começa a incomodar,

(...) pois, atravessando as fronteiras do nosso país, o nome da família Gracie chegou também no Japão, causando impacto e incomodando os donos do jiu-jitsu mundial, não acreditando eles que neste nosso país longínquo pudesse haver um jiu-jitsu tão evoluído quanto o deles. E assim, para conferir, enviaram, dos seus lutadores, dois expoentes dessa tradicional luta japonesa. (VIRGÍLIO, 2002, p 100)

Os dois desafiantes enviados pelo Japão são Kato e Kimura. A primeira luta com Kato, vice-campeão mundial de jiu-jitsu, ocorrida em 7 de setembro de 1951, no Estádio do Maracanã, termina em empate (Hélio estava com duas costelas fraturadas, mas decidiu lutar mesmo assim). Uma segunda luta é agendada para o dia 29 do mesmo mês, desta vez no Ginásio do Pacaembu. Segundo Virgílio:

A revista Cruzeiro assim relata: “Em oito minutos, Hélio Gracie liquidou, no Pacaembu, um dos maiores lutadores de jiu-jitsu do mundo – termina a luta senhor juiz, senão o japonês morre” (...) De fato, Hélio avisou o árbitro de que Kato já estava dormindo, mas o árbitro não interrompeu a luta, e por única e direta razão de lealdade e disciplina de nosso lutador, do seu respeito pelo adversário, Kato pôde sobreviver porque Hélio simplesmente o largou espontaneamente, prevendo as consequências funestas se continuasse aplicando a técnica do “shime-wazá” (estrangulamento), com que decretou a derrota de seu oponente. (VIRGÍLIO, 2002, p. 100)

Ainda no ringue, Hélio é desafiado por Kimura. O brasileiro aceita de imediato o duelo contra Kimura, quarenta quilos maior que Hélio e, então, campeão mundial de jiu-



jiu-jitsu. A luta acontece em 10 de novembro de 1951, no Maracanã, com público de mais de 20 mil pessoas, incluindo o então presidente da república, Getúlio Vargas. Hélio aguenta por 13 minutos, mas é derrotado pelo gigante japonês, que o finaliza com uma trava de antebraço, golpe atualmente conhecido no jiu-jitsu como Kimura, em homenagem ao lutador japonês.

Apesar de bastante interessante os relatos e as memórias daquela época, vale lembrar que nosso objetivo não é uma reconstrução histórica detalhada dos feitos dos Gracie, mas sim buscar compreender o fenômeno do MMA, nos apoiando nestes relatos no intuito de reconstruir a trajetória de sua consolidação e, feito isso, iniciar a discussão propriamente dita.

Para entender, então, os desdobramentos destes duelos que ocorriam em terras brasileiras, precisamos nos deslocar no tempo e ir para a década de 1980, onde a figura chave para o surgimento do MMA nos moldes modernos é Rorion Gracie, filho de Hélio. Rorion, que também era mestre em jiu-jitsu (assim como grande parte dos filhos de Carlos e Hélio), abre uma academia na garagem de sua casa, na Califórnia (Estados Unidos). Assim como no início do século XX no Brasil, essa arte marcial era pouco conhecida pelos norte-americanos e, para que ela ganhasse popularidade, Rorion começa a repetir os passos de seu pai: desafiar lutadores de artes marciais para confrontos praticamente sem regras, para lutas de Vale-Tudo. Todas as lutas eram filmadas, e o vencedor ficava com os direitos de imagem. A popularidade de Rorion e do jiu-jitsu brasileiro começam a crescer na terra do Tio Sam.

Rorion, que já havia trabalhado como figurante em alguns filmes, faz contatos com pessoas influentes em Hollywood, que passam a conhecer mais de perto essa arte marcial cultivada pela família Gracie. A ele (Rorion) é atribuído ter ensinado Mel Gibson a aplicar o golpe guilhotina no filme *Máquina Mortífera*, assim como ter ensinado golpes ao ator Chuck Norris.

É nesse ambiente que Rorion, junto com o ex-fuzileiro naval estadunidense e publicitário Arthur Davie, no ano 1993, lança o programa UFC – The Ultimate Fighting Championship na TV americana. O objetivo do programa era promover uma disputa de Vale-Tudo entre diferentes estilos de artes marciais, buscando provar qual técnica era superior. No torneio, oito lutadores de diferentes estilos se enfrentariam num torneio “mata-mata”, ou seja, o ganhador de cada luta ganhava o direito de ir para a próxima fase, e o perdedor era desclassificado. Não havia praticamente regras, nem limite de peso, nem tempo máximo de duração para as lutas. Com público esperado de 40 mil



espectadores, o torneio atinge o dobro da audiência, mostrando desde o início a capilaridade deste esporte-espetáculo na sociedade estadunidense.

Para representar o jiu-jitsu brasileiro, o escolhido pela família Gracie é outro filho de Hélio, Roice, na época com 27 anos. Roice foi escolhido não devido à sua força, nem à sua técnica apurada, mas sim pelo fato de ser magro, não ser musculoso, ou seja, não se assemelhar muito com a imagem de um lutador. Essa escolha teve como principal objetivo vender o jiu-jitsu como a arte superior, na qual alguém pequeno como Roice poderia ganhar de algum “brutamonte” apenas com a técnica. E a publicidade deu certo: Roice ganha a primeira edição do UFC em 13 de dezembro de 1993 e se sagra como herói perante o público americano, popularizando de vez o jiu-jitsu. O mesmo acontece nas edições 1,2 e 4 do UFC, com Roice derrotando muitas vezes lutadores maiores e mais pesados.

Vale ressaltar que o campeonato UFC também inovava por outro motivo: o octógono. As lutas em geral, que antes aconteciam em ringues quadrados, passam a acontecer num espaço de formato octogonal (oito lados), também chamado de jaula. O espaço da luta foi assim pensado por dois motivos: impedir a fuga dos atletas pelas cordas e tornar a luta mais dinâmica, reduzindo a possibilidade dos atletas ficarem parados nos cantos do ringue.

### **Do Vale-Tudo ao MMA**

Apesar do grande sucesso do campeonato UFC nos EUA, com enorme venda de lutas por pay-per-view, a entidade começa a entrar em declínio. Protestos por parte de alguns setores da sociedade estadunidense, inclusive com a participação do então senador Jonh McCain, conseguem proibir a veiculação do UFC, tirando o evento do ar no fim da década de 1990.

Em 2001, a marca UFC é vendida para a entidade Zuffa, dos irmãos Frank e Lorenzo Fertitta, empresários do ramo do entretenimento. Dana White, antigo promotor de lutas de boxe, amigo dos Fertitta, além de acionista, torna-se o presidente e o “rosto” da empresa. Para conseguir voltar a ser veiculado na TV americana, o UFC passa por um processo de reformulação, que culminará na forja do termo MMA. Nesse processo, encabeçado principalmente por Dana White, uma série de regras são criadas a fim de atenuar os confrontos: são definidas categorias de peso, golpes demasiadamente perigosos são excluídos (um exemplo é o tiro de meta, quando o atleta caído podia ser chutado na cabeça), o uso de luvas se torna obrigatório e números de rounds são estipulados.



Além de proteger a integridade física dos atletas, tais mudanças nas regras do UFC também objetivavam a sua maior aceitação perante o público, levando a violência crua dos combates a um nível mais palatável, mais tolerável. Um conjunto de 31 regras, sob o título de Unified Rules of MMA é aprovado em 2001 perante as comissões atléticas americanas, que já passam a aceitar o MMA como esporte.

O que antes era um torneio praticamente sem regras, que buscava provar qual arte marcial era superior, acaba por se tornar um esporte, com regras bem delimitadas; dessa forma, conquista uma legião de fãs. Segundo o UFC, as lutas da marca já chegam a 354 milhões de lares em todo o mundo, sendo televisionadas em mais de 145 países e em 19 línguas.<sup>4</sup>

Vale deixar claro que a trajetória aqui apresentada diz respeito à passagem do Vale-Tudo para o MMA, mais especificamente a trajetória de criação do UFC. Vale reafirmar que os combates desarmados e sem regras não são criação do Vale-Tudo, nem exclusividade brasileira. Retrocedendo na história das Olimpíadas gregas, encontraremos no século VI a.C. uma modalidade chamada Pankration (pan= todos ; kration = poderes, força), uma mistura de pugilismo e luta de solo, que só acaba com a exaustão total ou mesmo a morte de um ou ambos os lutadores. (CORNELL, 2002) A própria trajetória de Conde Koma, que desafiava profissionais e brigadores de plantão, está recheada de lutas pouco ou nada regradas.

Saindo do campo dos duelos em si, já pensando em algo mais midiático, também não podemos nos esquecer dos campeonatos japoneses Shooto, K-1 (luta em pé) e PRIDE, que também conquistam o público japonês e começam a se espalhar pelo mundo. Estes campeonatos de artes marciais, nos quais as regras também eram muito limitadas, partilham do mesmo espírito do que era desenvolvido nos EUA. O Shooto, inclusive, é anterior ao UFC, datado de 1985.

Porém, o campeonato japonês de maior destaque foi, sem dúvida, o PRIDE, criado em 1997. O PRIDE foi o primeiro evento japonês a ser transmitido na TV americana, em 13 de maio de 2000. Com outro sistema de regras (em que golpes proibidos no UFC são permitidos, como o tiro de meta e pular sobre a cabeça do adversário), o evento tornou-se bastante popular, conseguindo levar uma multidão de mais de 90 mil pessoas ao Estádio Nacional de Tóquio na final Shockwave, em 2002.<sup>5</sup> No entanto, o even-

---

4 Fonte: (www.ufc.com).

5 Fonte: [http://www.pridefc.com/pride2005/whats\\_about01.htm](http://www.pridefc.com/pride2005/whats_about01.htm).



to, maior concorrente do UFC, acaba se enfraquecendo após denúncias de uma possível ligação de seus donos com a máfia japonesa<sup>6</sup>, culminando com a sua compra pelo UFC em 2007. Apesar de a promoção de lutas com regras limitadas não ser exclusividade do UFC, esta é, sem dúvida, a maior empresa promotora de lutas de MMA atualmente em todo o mundo, sendo sua sigla muitas vezes confundida com a sigla do próprio esporte.

### **O MMA como fenômeno midiático**

Não é de todo equivocada a afirmação de que o esporte é um dos fenômenos mais expressivos da atualidade. Sem dúvida, o esporte faz parte hoje, de uma ou de outra forma, da vida da maioria das pessoas em todo o mundo. Tão rápido e tão “ferozmente” quanto o capitalismo, o esporte expandiu-se pelo mundo todo e tornou-se a expressão hegemônica no âmbito da cultura corporal de movimento. (BRACHT, p. 9)

A afirmação de Valter Bracht em seu livro *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*, nos servirá neste artigo como uma frase balizadora das linhas que se seguem. O esporte moderno, tal como o conhecemos hoje, é sem dúvida uma das manifestações mais presentes em nossa sociedade. Prova disso é o tempo midiático destinado às modalidades esportivas: programas televisivos, mesas redondas, programas de rádio, sites, editoriais de jornais, enfim, poderíamos aqui tentar citar – sem sucesso – toda a enorme estrutura midiática voltada para a exibição das atividades esportivas.

O estudo dos esportes ainda é algo pouco desenvolvido em decorrência, muitas vezes, da resistência de pesquisadores em dar ao tema a sua devida importância. É o que nos diz Bourdieu a respeito da sociologia do esporte, “desdenhada pelos sociólogos, ela é desprezada pelos esportistas.” (BOURDIEU, 1990, p. 207)

No entanto, nosso objetivo aqui não é a defesa do estudo dos esportes em seu âmbito mais geral – não que esta defesa não seja importante, mas acreditamos que apesar de ainda sofrer resistência, o campo tem se ampliado nas últimas décadas -, mas sim enxergar o MMA, pensado como esporte, em suas múltiplas significações sociais e culturais, buscando entender como o seu surgimento e consolidação está ou não em consonância com a sociedade em que vivemos.

Acreditamos que o fenômeno MMA é um objeto significativo, uma janela para a compreensão de nosso atual momento, marcado por uma profunda crise identitária e permeado pelas tecnologias de informação.

---

<sup>6</sup> fonte: <http://sports.espn.go.com/sports/news/story?id=2814235>



## Reflexões e apontamentos sobre o fenômeno

Vivemos num mundo cada vez mais globalizado, onde as culturas nacionais são fortemente estremecidas pelo contato com indivíduos e formas de pensar até antes desconhecidas. Como nos traz Stuart Hall: “As culturas híbridas constituem um dos diversos tipos de identidade distintivamente novos produzidos na era da modernidade tardia. Há muitos outros exemplos a serem descobertos.” (HALL, 2005, p. 89) O MMA, dessa maneira, é um desses exemplos dessa hibridização cultural, trazendo-a inclusive em seu nome: Artes Marciais Mistas.

Ainda segundo Hall, nesse contato entre culturas diversificadas, dois movimentos são percebidos: a tradição e a tradução. O primeiro estaria ligado a uma vontade de retorno a uma unidade imaginária, principalmente em relação a uma cultura “original”, muitas vezes ligada à ideia de nação. Seria uma forma de resistência à globalização dos modos de vida. Esta ideia (a da tradição), entretanto, como nos mostra Hall no processo da forja identitária nacional inglesa, apesar de parecer secular, natural, é algo bastante recente e criado. Ele cita como exemplo os costumes da corte inglesa, seus formalismos e solenidades que, apesar de serem apresentados como muito antigos, só se constituem e tomam seu formato atual nos séculos XVIII e XIX. Portanto, tal volta a esse elemento identitário primário é uma construção, uma criação.

O segundo movimento apresentado, a tradução, é assim descrito por Hall:

Este conceito descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram *dispersadas* para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão *unificadas* no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas” (e não a uma “casa” particular) (HALL, 2005, p. 88)

Partido destes parâmetros, podemos em certa medida transpô-los para o contexto das artes marciais. Da mesma forma que o budô operou uma tradução no bushidô, como forma de um certo retorno a uma identidade anterior à ocidentalização do Japão (exemplo disso é o Judô, derivado do Jiu-jitsu, o qual incorporou elementos dos esportes ocidentais, como a pontuação, as competições etc. O criador do judô, Jigoro Kano, foi in-

clusivo membro do comitê que organizou os primeiros jogos olímpicos da era moderna.), o MMA faz com que as artes marciais se readequassem a esse novo contexto, mantendo algumas de suas peculiaridades, mas incorporando elementos antes “alienígenas”.

Podemos observar claramente tal processo numa luta de MMA moderno, onde os lutadores geralmente são oriundos de uma escola marcial (Muai-Thay, Jiu-Jitsu, Wrestling), mas acabam incorporando elementos de outras artes marciais a fim de se manterem competitivos. Atualmente, já existem academias onde os lutadores não se aprimoram especificamente em nenhuma arte, mas já realizam o chamado “cross-training”, onde aprendem diversos fundamentos e suas múltiplas combinações, tornando-se especialistas em generalidades.

Todo este processo de globalização, não nos esqueçamos, foi permeado pelo surgimento das redes informacionais. Como nos lembra Matellart (2002), tal processo de mundialização dos meios de comunicação teve papel fundante na expansão do capitalismo. Causa e consequência, a gestão estratégica das redes de informação tinha como objetivo a manutenção de um fluxo constante de informação, possibilitando assim a livre circulação de mercadorias.

Mas o leitor deve estar se perguntando, qual a relação que pode haver entre o desenvolvimento do MMA e a consolidação das redes informacionais? Aparentemente pertencentes a mundos diversos, podemos apontar que tanto o MMA quanto o surgimento das redes informacionais bebem da mesma fonte: o liberalismo e o iluminismo.

A ideia de universalização, da criação de um mundo interligado, de uma comunidade mundial única está intimamente ligada ao pensamento liberal. Fundado no antropocentrismo, na razão iluminista, a lógica liberal lança suas bases de universalização. A adoção de medidas universais (de peso, de tamanho etc.), de um tempo universal (fuso-horário), a disseminação da língua francesa (e posteriormente o inglês), a criação das redes telegráficas mundiais, do rádio, da TV, dos satélites e mais à frente da própria internet criam essa nova forma de se pensar o espaço, onde um evento que acontece a milhares de quilômetros talvez tenha mais influência na vida de um indivíduo do que um evento que ocorra em seu bairro, em sua cidade. (MATELLART, 2002)

À informação, pensada como mercadoria de inserção global, dá-se um sobrecrédito. Atribui-se a ela um papel redentor, o de recriar uma suposta “ágora grega”, viabilizando um palco mundial de debates que conduzirá a humanidade a um novo estágio, mas igualitário e desenvolvido. Citando novamente Matellart, essa crença no papel redentor da comunicação global já nasce muito antes das tecnologias físicas propriamente



ditas. Os filhos da revolução francesa acreditavam que a criação de uma língua universal já seria suficiente para interligar o mundo e permitir a tão sonhada discussão global. O mesmo acontece com as outras tecnologias, do telégrafo à internet, da imprensa à TV. Tal pensamento pode ser observado claramente em Pierre Levy (1998), que nos fala da criação de uma “inteligência coletiva”, facilitada pelas redes informacionais.

Permeia todo esse pensamento a ideia de evolução constante da humanidade, uma ideia de linearidade histórica, fruto das ideias darwinistas, que caem tão bem ao pensamento racional iluminista. (DUPAS, 2007)

O MMA, pelo menos grosso modo, assenta-se nas mesmas bases: busca se consolidar como a experiência última do desenvolvimento das lutas, como um desenrolar natural de um longo processo histórico. O MMA moderno é a vitrine do triunfo do intento globalizante.

Outro elemento fundamental para a grande aceitação do MMA como esporte pode ser atribuído à capacidade de ancoragem emanada por ele. Como nos traz KERCKHOVE (2007), as tecnologias, as telas, sejam da TV ou do computador, não são apenas imagens e dados amorfos, elas nos tocam, conversam conosco por meio de estímulos sensoriais e psíquicos. Ao vermos uma luta de MMA pela TV (essa é a maneira como o esporte chega à maioria de seus fãs), é como se a pudéssemos senti-la em toda a sua intensidade, como se os lutadores dentro do octógono fossem nossos avatares, extensões de nós mesmos.

Os esportes de maneira geral fazem isso muito bem. Eles nos tocam, nos envolvem e trazem à tona uma infinita gama de sentimentos e emoções. HUIZINGA (2000) descreve muito bem o papel dos jogos na constituição da humanidade, seja na forma de rituais, de simulações ou mesmo por seu aspecto despretenso, alijado do sério, oposto ao trabalho.

Assim como a constituição do esporte moderno, fruto da revolução industrial, incorporou os elementos lúdicos dentro de uma atividade regrada, especializada e voltada para a eficiência e competição, podemos observar esse mesmo processo na constituição do MMA. Se o aspecto lúdico do jogo é apagado ou não, isso aqui não nos interessa, mas sim a sua capacidade de criar uma espécie de amálgama social, de dialogar com o meio em que floresce.

MARQUES (2000), em sua dissertação de mestrado, afirma que o futebol exerceu esse importante papel na construção do amálgama social, permitindo um certo equilíbrio das tensões sociais, como as advindas das diferenças de classe e raça. E, tudo isso,



por meio da dança com as pernas, contemplada pela malandragem do mestiço e da torcida que torce e se retorce. Além disso, o futebol foi uma forma de ligação gregária num contexto de forte êxodo rural. O campo de futebol, mesmo dentro de um ambiente urbano, faz essa ponte entre os dois ambientes. Também foi por meio das agremiações esportivas, principalmente pelo futebol, que muitos laços identitários foram criados e mantidos, seja os de imigrantes (principalmente europeus), entre moradores de um mesmo bairro etc.

Os jogos, como nos traz BARTHES (2009), muitas vezes assumem um papel cênico de representar a relação do homem com a natureza. Para ele, a tourada e o hóquei no gelo encenam o domínio do homem frente a natureza: no primeiro, a capacidade de lidar com a fera, com a besta; no segundo, a capacidade de tripudiar sobre as adversidades do gelo com maestria. O ciclismo e o automobilismo levam a disputa para o plano cronológico: busca-se romper com as barreiras temporais, por meio da força, da máquina e da estratégia, subjugando um dos fatores mais limitantes à existência humana. São, todos eles, formas de lembrar nossa humanidade, pensar em nossos feitos e limitações e na maneira como nos relacionamos com o ambiente.

No MMA, assim como em outros esportes individuais de contato, como no boxe, por exemplo, o que se objetiva é a última consequência do espírito agonístico: a derrota do outro. A ideia de se utilizar de todas as ferramentas, chutes, socos e imobilizações para este intento reflete o espírito de darwinismo social, tão apregoado pelos ideários liberais e neoliberais. Vende-se a ideia da efetividade, da versatilidade, do *self-made man*, tão cara à sobrevivência humana, num mundo em que o principal inimigo não é mais a natureza, já controlada, ou o tempo já superado pelas tecnologias, mas o outro.

É também neste mundo já pasteurizado pela técnica, onde o leite a carne e o ovo não vêm mais do animal, mas do supermercado, que o MMA pode ser pensado como uma forma de identificação com algo mais primitivo, mais animalesco. Mesmo que mediado pelos meios de comunicação, o MMA nos faz lembrar de que somos animais e, dessa forma, busca uma essência humana perdida, dissipada em meio a um mundo cada vez mais estéril. Não podemos negar este elemento como fonte de atração.

Retomando Stuart Hall e Matellart, não podemos nos esquecer de que esse processo de globalização da cultura e da comunicação não é único, mas sim múltiplo e aberto, cujas reverberações ainda carecem de serem detectadas e estudadas. A tensão entre o global e o local, ao mesmo tempo em que cria uma narrativa por meio de um espetáculo global, transmitido para todo globo, também suscita elementos mais próprios

das culturas locais, seja por meio de um golpe desferido oriundo de determinada arte marcial ou mesmo pela nacionalidade de um lutador, reavivando os nacionalismos.

Portanto, tentamos neste artigo, de forma muito breve e incipiente, lançar alguns questionamentos frente a este fenômeno, que cresce de maneira tão voluptuosa que já não é mais possível negá-lo.

### **Proposta de Estudo**

A partir das discussões trazidas nas linhas acima, apresentamos agora nossa proposta de pesquisa, que acreditamos poder corroborar ou negar algumas das hipóteses aqui levantadas.

Como buscamos deixar claro, o surgimento e consolidação do MMA como esporte está intimamente ligado ao desenvolvimento da comunicação em nível global, seja pelo fato de ser pensado, desde o início, como um espetáculo midiático, ou mesmo por sua constituição mais subjetiva, até mesmo estética, que surge como um esporte misto, que pincela elementos de várias culturas, refletindo o espírito largamente apregoadado num mundo que se pretende globalizado.

Sendo o MMA, então, um fenômeno pertencente tanto ao campo esportivo quanto ao campo midiático (grande parte dos esportes modernos se configura da mesma maneira), nossa proposta de estudo pretende entender como a mídia brasileira dialoga com este fenômeno, assim como entender como os diversos veículos midiáticos se inter-relacionam na construção de uma narrativa em torno de um evento esportivo. Para tanto, precisamos estabelecer um período de coleta para este material, delimitando-o e escolhendo os veículos midiáticos que serão analisados. Nossa delimitação do corpus foi facilitada pelo calendário do UFC. É que no dia 27 de agosto de 2011 aconteceu, pela primeira vez no Brasil, uma edição do campeonato<sup>7</sup>. O evento, de número 134 (os eventos do UFC são numerados, desde seu início em 1993), teve seus mais de 16 mil ingressos vendidos num prazo de pouco mais de uma hora.<sup>8</sup>

Para realizar a coleta do material, delimitamos alguns veículos, tanto impressos quanto eletrônicos, que acreditamos serem de grande inserção e que provavelmente trarão informações e matérias jornalísticas sobre o evento. Os veículos serão monitorados durante todo o mês de agosto de 2011. São eles: os jornais diários *Folha de S. Paulo* e

---

<sup>7</sup> O evento terá sido realizado antes da conclusão deste artigo e de sua respectiva submissão a este GP.

<sup>8</sup> Fonte: (<http://sportv.globo.com/site/eventos/combate/noticia/2011/06/ingressos-para-o-ufc-rio-sao-esgotados-em-menos-de-duas-horas.html>).



*O Globo* (devido à grande tiragem de ambos e o fato de um veículo ser paulista e outro carioca), as revistas *Veja* e *Época* (publicações semanais de maior tiragem no país), os programas semanais televisivos *Globo Esporte* (TV Globo) e *Belas na Rede* (Rede TV!), os sites dos portais esportivos *Lance!* e *Gazeta* e os portais de internet *UOL* e *Terra*. Também monitoraremos o site oficial do UFC, assim como as publicações oficiais do evento em redes sociais como Facebook, Twitter e YouTube.

Acreditamos ser ainda precipitado delimitar uma metodologia de análise para o material, já que até agora ainda falamos de algo que não existe (só teremos nosso material de análise após a submissão deste artigo). Com o material em mãos, aí sim poderemos dizer qual a metodologia mais adequada a ser empregada.

No entanto, algumas hipóteses metodológicas nos parecem mais pertinentes: para entendermos como a mídia constrói sua teia discursiva, acreditamos que a Análise do Discurso, principalmente a de linha francesa, nos possibilita uma análise mais ampliada, capaz de levar em conta não apenas o material objetivo do texto, mas também as práticas socioculturais que permeiam e favorecem sua constituição. Outra possibilidade é a de se realizar uma análise de conteúdo, formulando categorias onde os diversos textos e suas construções possam ser enquadradas e quantificadas, dando-nos alguns parâmetros para a compreensão do fenômeno. A inserção de outros aportes analíticos, e mesmo a combinação destes ferramentais, ainda não está excluída.

Acreditamos que tal coleta sistemática, apesar de demandar grande esforço, será de grande importância para entendermos não apenas as representações subjetivas trazidas à tona pelos veículos de comunicação na mediação deste evento esportivo, mas também no entendimento da dinâmica midiática de forma mais ampla, do entendimento desta ecologia das mídias.

## Referências

BARTHES, Roland. “**O que é esporte**”, em Revista Serrote, nº 3, São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2009

BOURDIEU, Pierre. **Coisa ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BRACHT, Valter. *Sociologia Crítica do esporte: uma introdução*. Ijuí: Unijuí, 2003

**Budô: The Martial Ways of Japan**. Tokyo: Nippon Budokan Foundation: 2009

CORNELL, T.J. **On War and Games in the Ancient World**. The Global Nexus Engaged. Sixth International Symposium for Olympic Research, 2002, pp. 29-40. Disponível em: <<http://www.la84foundation.org/SportsLibrary/ISOR/ISOR2002e.pdf>> Acesso em: 26/04/2011



DUPAS, Gilberto. **O mito do progresso**. Novos Estudos, v.77, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n77/a05n77.pdf>> Acesso em: 20/09/2009.

HALL, Stuart. A identidade cultural da pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

KERCKHOVE, Derrick de. **A Pele da Cultura**. Lisboa: Editora Relógio D'água, 1997.

LEVY, Pierre. **A inteligência coletiva**. Por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 1998.

MARQUES, José Carlos. **O futebol em Nelson Rodrigues**: O óbvio ululante, o sobrenatural de Almeida e outros temas. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2000

MATTELART, Armand. **A globalização da comunicação**, Bauru: Edusc, 2002. 2ª edição.

VIRGÍLIO, Stanley. **Conde Koma. O invencível yondam da história**. Campinas: Átomo, 2002

### Filmografia

Documentário: The Ultimate Gracie. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=ajoMJelcNO>> . Acesso em: 04/03/2011

Documentário: Gracie Jiu-Jitsu em ação. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=nViSc3vUWGM>> . Acesso em: 13/05/2011